



Quer calça Lee?

Alexandre Santos

Conta aventura vivida por garotos para adquirir calças Lee no cai do porto do Recife

Corria o ano de 1968.

Ao tempo que choro e ranger de dentes marcavam porões escuros e periferias imersas nas sombras evocando sofrimentos impunes, a mesmice de sempre, devidamente orquestrada pela mídia interessada e obediente, cobria a área dita civilizada do País com um manto de tédio e anestesia, desviando a atenção da sociedade para as inocências e inofensibilidades. Era aí, neste palco preparado e consentido pelos maiorais que, testemunhando a movimentação dos hippies e desconhecendo a luta dos guerreiros pela redemocratização, borbuhlava uma juventude alienada e arisca, cevada por um sistema ávido por carne jovem, domada e preparada. De fato, naquele ambiente artificial, modulado e controlado por uma dosagem contínua de propaganda chapa branca - propaganda que, conforme a vontade dos chefões de lapelas e ombreiras estreladas, faziam modas e modismos avançarem e recuarem, para alegria fútil daqueles que podiam sustentá-las e, em contraponto, tristeza daqueles que existiam para servir aos primeiros -, rapazes e moças cheios de gingas, bossas e hormônios se moviam, exibindo músculos e adereços capazes de turbinar paqueras, aproximações e conquistas. E, neste embalo, surgiam vontades e sonhos de consumo conjunturais, próprios das idades ávidas por charmes e por encantos efêmeros. Este foi o pano-de-fundo da febre que levou milhares de jovens da classe média brasileira a desejarem ter uma calça de brim norte-americano da marca Lee, preferencialmente desbotada, para combinar com um relógio Seiko. Catapultando o charme irresistível, a calça era referida pelos jovens formadores de opinião, não como a simples roupa de brim (que, de fato, era), mas [referida] pelo neologismo Jeans e, mais ainda, com a recomendação de que, para ser boa mesmo, [a calça] tinha de ser Lee, superando a concorrente Lewi's (que não teria o mesmo charme). Acontece que, em função das sobretaxas aplicadas aos produtos estrangeiros pelo protecionismo econômico do regime militar, o preço das calças Lee era proibitivo para grande parte da juventude, que, excluída do circuito das importadoras oficiais, recorria ao submundo para adquiri-la a contrabandistas por preços aceitáveis.

Este foi o clima que emoldurou a história que vem a seguir.

- Quer calça Lee? - perguntou o homenzinho de chapéu, dizendo tudo aquilo que os garotos queriam ouvir.

Tudo começara dois dias antes, ainda no início das férias de fim-de-ano, quando os fedelhos Fernando e Alexandre descobriram que, mesmo sem condições de comprar diretamente a Jusiê Sampaio, na loja Tokyo - a mais famosa importadora do Recife, localizada bem pertinho da fábrica de refrigerantes Fratelli Vitta, na Rua da Soledade, no bairro da Boa Vista, no centro da cidade - [eles]

poderiam ter calças Lee como a maioria dos colegas. O bizu era um tal Tony Macaca, fornecedor anônimo e pouco conhecido baseado no submundo como segurança da boate Scandinávia, a casa noturna montada nos ombros do Bar 28, que seduzia notívagos e marujos de todas as idades e todas as bandeiras em plena zona do baixo meretrício, nas imediações do Marco Zero, no Porto do Recife. Os mais bem informados diziam que, como 'comprava diretamente no navio', o velho Tony Macaca escapava da sanha fiscal do governo e conseguia vender as calças por menos da metade do preço praticado por Jusiê Sampaio. Era uma oportunidade imperdível.

A tentação era muito grande, especialmente para não-endsinheirados, os quais, dificilmente, teriam condições de comprar as calças Lee de outra forma. Mesmo assim, embora animadora, como envolvia incertezas, mistérios, ameaças e perigos - afinal de contas, se não bastasse a má fama do cais do porto, o negócio era ilegal e, ainda por cima, seria feito através de um desconhecido em um inferninho da pior qualidade (uma combinação dos diabos) - a dica precisava ser melhor avaliada. E, com um pé atrás, à despeito de toda a animação, sem admitir o medo (nem para eles próprios) os dois frangotes foram dormir assustados e passaram a noite em claro, virando e revirando na cama, tomados pela ansiedade e pela incerteza. Nos curtíssimos momentos em que conseguiram conciliar o sono, viveram terríveis pesadelos, sonhando encontros sob densa penumbra, acossados pela polícia e tipos mau-encarados e interrompidos por correrias ao som de sirenes e emolduradas pela imagem claustrofóbicas de celas e penitenciárias. Mas, ao final, vencida aquela madrugada terrível, o desejo venceu o bom senso e, dispensando o aconselhamento aos pais (que, seguramente, diriam 'Não' à empreitada), ambos decidiram ir às compras no cais do porto.

Pela manhã, logo cedo, depois de esvaziar os respectivos cofres, rapando os tostões economizados por meses a fio das magras mesadas, sem qualquer comentário sobre cara de sono do outro (até como forma de não dar-lhe liberdade para fazer o mesmo consigo próprio) e sem dizer para onde iam - iludindo as mães, deixando-as pensar que, como vinham fazendo por aqueles dias de férias, aprontariam alguma traquinada inocente -, Fernando e Alexandre tomaram o pequeno ônibus-lotação da linha da Torre e, saindo da jurisdição autorizada pelos pais, seguiram para o cais do porto, prontos para enfrentar o desconhecido e, se tudo desse certo, retornarem antes do almoço, mortos de fome, mas com o sonho acalentado e cheios de aventuras para contar.

No cais do porto, desconfiando da honorabilidade de toda e qualquer mulher que lhes passasse pela frente e vendo permissividade em todos os lugares daquela área proibida, os dois seguiram, rigorosa e cautelosamente, as indicações do motorista do pequeno ônibus que os deixaram há pouco no Marco Zero do Recife e, como quem tateia sala escura, caminharam alguns metros pela Avenida Alfredo Lisboa até localizar a boate Scandinávia. Estava lá, pintada de vermelho escarlate, ao final de uma escada íngreme, no topo de um bar bem em frente ao armazém número 28 do cais do porto. Talvez função do horário, talvez da luz solar (que, segundo a conversa corrente no colégio, afugenta todo e qualquer ser notívago), a boate estava fechada.

Quem disse que isto arrefeceu o ânimo dos garotos? Na realidade, a aventura deles estava só começando.

Disposto a só voltar para casa com a calça Lee, Fernando tomou a iniciativa e sem qualquer respeito pelo sono que seguramente roncava o interior da boate adormecida, meteu o dedão na cigarra meia escondida numa ranhura do umbral. Chamou a primeira vez, [chamou] a segunda [vez] e teria chamado mil vezes se mil vezes fossem necessárias para ser recebido por alguém. Ele queria uma calça Lee e nada neste mundo iria barrar a sua investida.

A porta da boate só foi aberta depois do terceiro longo chamado da campainha.

Pela fresta, ao invés do rosto sorridente de um vendedor simpático que, de lembranças das lojas a que estavam habituados, os garotos esperavam ver, surgiu uma cara amassada, machucada e marcada por hematomas, com um olho roxo quase fechado de tão inchado ao lado de outro [olho] congestionado e encimado por um curativo sanguinolento que cobria parcialmente a sobancelha ferida. Olhando para ambos os lados como se esperasse (ou fugisse de) alguém, o segurança de aparência ameaçadora não demonstrou qualquer vontade de ser simpático.

- O que vocês querem, meninos? A boate está fechada - resmungou por entre os dentes.

Sem deixar-se intimidar pela situação, Fernando surpreendeu o homem, indo direto ao assunto.

- Tony Maraca está?

A pergunta caiu como um raio e, repentinamente acuado, o mau-encarado baixou o tom da voz e respondeu [a pergunta] com outra [pergunta].

- Quem quer falar com ele?

- Nós, mesmos - os dois garotos responderam ao mesmo tempo.

- Qual seria o assunto? - um pouco aliviado, o vigilante ainda não se sentiu à vontade e continuou na defensiva, como se buscasse uma senha ou armadilha.

- Queremos comprar calça Lee - a resposta foi automática. A forma pueril e natural como foi dita desfez o clima de desconfiança e hostilidade, chegando, mesmo, a arrancar um esgar de sorriso na cara amassada do Tony Maraca, que, finalmente, se revelava.

- Tony Maraca sou eu. Mas estou fora do jogo. Os homens me pegaram e, ainda, estou todo moído - ele disse, plantando um punhado de dúvidas nos garotos. Afinal de contas, crescidos em outros ambientes, os meninos não tinham a menor ideia sobre quem poderiam ser os 'homens' falados por Tony Maraca, sobre qual 'jogo' a que ele se referia ou, ainda, como [ele] poderia estar 'moído', se estava ali, bem na frente deles.

Na sequência, talvez como desabafo e denúncia, o tal Tony Maraca abandonou a arrogância e, com voz insegura e olhos umedecidos, contou como tinha caído nas mãos da Polícia Federal numa operação de combate ao contrabando. Contou como, no curso de um duro interrogatório nas masmorras da Polícia Federal, fora barbaramente espancado para confessar crimes e denunciar cúmplices e, ainda, como, todo arrebitado e coberto de hematomas por todo o corpo e precisando fugir dos cúmplices que denunciara e recuperar a saúde,

resolvera suspender a movimentação no cais do porto e passar, pelo menos, algum tempo na legalidade.

- Estou fora - Tony Maraca concluiu, para tristeza dos garotos.

- E onde poderíamos comprar calças Lee? - Fernando não esmoreceu a esperança.

- Talvez na Rua do Bom Jesus - Tony Maraca se referiu a antiga Rua dos Judeus, situada nas redondezas e, tal como o cais do porto, famosa por acolher o submundo da contravenção - Mas, prestem bem atenção, aquele não é ambiente para vocês. Sigam meu conselho: tomem o ônibus e voltem para casa.

Embora comovente e representasse um balde de água gelada nos planos da dupla, a triste história de Tony Maraca não era suficiente para sufocar vontades e recambiar os garotos à Torre. De fato, meio (mas, não totalmente) desiludidos, eles desceram ao cais e, inicialmente cabisbaixos, contrariando a recomendação de Tony Maraca, ao invés de voltar para casa, resolveram fazer uma última tentativa de ter as calças Lee ainda naquele dia. Seguiram rumo à praça do Marco Zero e duas perguntas mais tarde, sem saber, exatamente, o quê ou a quem procurar, caminhavam à sombra do casario multi-secular da Rua do Bom Jesus.

Eles, talvez, não percebessem, mas, pela idade, [pelo] jeito de vestir, [pelo jeito de] andar e [pelo jeito] de olhar as coisas, estava na cara que eram peixes-fora-do-aquário, chamando a atenção de todos, inclusive (e especialmente) dos tubarões sempre à caça de presas inocentes e indefesas. A caçada e o bote seriam uma questão de tempo.

- Quer calça Lee? - Como se lesse o pensamento dos garotos, falando com voz mansa como se cochichasse um segredo precioso, o homenzinho fez a oferta, dizendo tudo aquilo que eles queriam ouvir. Esquecendo a recomendação do guardião da boate Escandinávia, os meninos se deixaram abordar. Ao contrário de Tony Maraca, que mais parecia uma versão tupiniquim de Quasimodo ou de Nosferatu, a aparência do homenzinho era suave, quase angelical - baixinho, rechonchudo, cabeça coberta com um chapéu Fedora, camisa branca sob um terno azul claro e, para terminar, um bracinho atrofiado pendurado ao pescoço por uma tipóia. Além do mais, ao invés da penumbra ameaçadora do inferninho, estavam ao céu aberto, às vistas de todo o mundo.

- Queremos, sim - Fernando respondeu com o espírito desarmado.

E, em poucas palavras, depois de se apresentar simplesmente como 'Feijão' ("sou conhecido como 'Feijão' desde menino, por todo mundo", dissera ele, sem maiores explicações), o homenzinho disse tudo sobre o negócio: o preço, como se daria a transação, a forma de pagamento, tudo.

- O preço é baixo porque compro diretamente no navio - explicou Feijão, falando como se o 'navio' fosse uma loja de roupas.

Pela compreensão dos meninos, ao contrário de Tony Maraca, que era contrabandista (e, portanto, investia para formar estoque), Feijão era intermediário, ganhando comissão sobre as vendas que fazia. Comprando ao Feijão, inicialmente, [eles, os garotos] adiantariam um pedaço do dinheiro (exatamente o valor a ser usado na compra ao fornecedor) e, quando recebessem as calças, fariam o pagamento restante, correspondente à comissão do Feijão.

Somando os dois valores, o total era bem menor do que preço normalmente cobrado por Tony Maraca. Um negócio! Trato feito, os garotos seguiram o tal Feijão pela Rua do Bom Jesus, cruzaram a Praça do Arsenal, dobraram ao Leste, atravessaram a Avenida Alfredo Lisboa e, pronto, estavam no portão metálico que separava porto do continente.

- Daqui em diante, vocês não podem mais me acompanhar. São as regras da Capitania do Porto e da Autoridade Portuária. Só pessoas autorizadas podem circular pelo cais e se aproximar das embarcações. Preciso da primeira parte do dinheiro agora - disse Feijão com naturalidade, apontando na direção de um dos navios atracados no cais - Vou buscar as calças ali.

Sem titubear, vendo o relance do navio pelo canto dos olhos, os jovens Fernando e Alexandre entregaram o dinheiro economizado desde o início do ano ao Feijão, que, dando mais uma prova de lisura, à guisa de garantia, passou-lhes um papel encardido com os dizeres 'Folha Corrida' e o carimbo vermelho NADA CONSTA em destaque.

- Podem ficar tranquilos, rapazes. Eu volto logo. Cuidado. Não percam o meu documento. Ele é filho único de mãe solteira - o Feijão apontou o timbre da polícia estampado no topo do documento, valorizando, ainda mais, o papel dado em caução.

Vendo o pequeno Feijão sumir no oitão do armazém do cais do porto - sob o sol crescente da manhã, que, sem ligar para as coisas do Porto do Recife (ou para qualquer outra coisa), avançava rumo ao ápice do meio-dia -, os meninos se emocionaram. Pudera! Estavam prestes a realizar o sonho acalentado nos últimos meses. Segundo pensavam, agora seria apenas uma questão de tempo. Como sempre acontece em momentos como aqueles, a ampulheta parecia escorrer mais lenta, trazendo-lhes ansiedade e stress. Cada segundo parecia um minuto, cada minuto parecia uma hora. O tempo passava e o Feijão não voltava. A angústia foi grande. Parecia, até, que alguma coisa estranha estava acontecendo. Depois de muitas 'horas' de espera, passaram os primeiros quinze minutos e nenhuma notícia do Feijão.

- Ele deve estar negociando um preço mais baixo com o comandante - sem ligar para o calor escaldante, Fernando buscou uma explicação para a demora.

A primeira meia hora de espera sob o sol à pino arrancou novas explicações.

- Acho que Feijão está demorando porque ele não fala a língua dos estrangeiros.

E o tempo caminhou, trazendo a primeira hora de espera.

- Esse cara passou a perna na gente, Fernando - o jovem Alexandre começou a desconfiar.

- Não. Feijão é um cara sério - confiando no NADA CONSTA carimbado na Folha Corrida que tinha às mãos, Fernando se recusava a acreditar na possibilidade de ter caído em um embuste.

Na segunda hora de espera, sem conseguir convencer Fernando de que tinham caído no 'Conto da Calça Lee', Alexandre desistiu.

- Vamos embora. Está chegando a hora do almoço.

- Pode ir. Eu só saio daqui com minha calça Lee - Fernando fincou o pé.

Com uma incômoda sensação de perda martelando-lhe a alma, Alexandre tomou a lotação e voltou para casa, no bairro da Torre, onde, de pronto, depois de, sem entrar em detalhes, avisar à família de Fernando que ele "ainda demoraria um pouquinho", [Alexandre] enfrentou a ira da mãe por ter chegado atrasado para o almoço. Enquanto isso, no cais do porto, pouco ligando para o calor que o fazia suar em bicas, para a fome que parecia colar-lhe as paredes do estômago ou para o avançado da hora que o deixava fora da mesa na hora do almoço em casa, sem qualquer proteção contra o sol causticante do meio-dia, Fernando permanecia firme no cais, de pé, ao lado portão, como se fosse vigilante do armazém do porto, num plantão esperançoso por notícias do Feijão.

Passava das quatro [da tarde], quando, pondo fim à angústia da família, vermelho como um camarão, Fernando chegou. Estava faminto, suado e com justo medo da surra que, seguramente, levaria pelo susto dado na família. Estava sem o dinheiro que juntara por tantos meses e sem a calça Lee que pensara vestir naquela noite. Os dias passaram e, por mais que tentasse, Fernando não conseguiu abafar o caso, que, pouco a pouco, era conhecido por mais e mais pessoas. Aliás, durante muito tempo, Fernando virou chacota na vizinhança e no colégio, recorrendo a insultos e impropérios para responder àqueles que, a todos os momentos, em meio a risos, lhe perguntavam sobre Feijão. À cada 'Feijão chegou?' ou 'Vai ter feijão no almoço?', [correspondia] um 'Vai perguntar pra tua mãe, filho da puta' em alguma das suas milhares de possibilidades.

Anos mais tarde, ao abrir o armário e ver uma calça Lee - peça que, na ocasião, com frequência, era desdenhada em favor de outras [calças] mais elegantes -, o doutor Alexandre lembrou com saudades daquela e de muitas outras aventuras por ele vividas na infância e na adolescência, reconhecendo o ensinamento deixado por cada uma delas. Por onde andariam Fernando - amigo de infância cujo paradeiro se perdera nas dobras e caminhos da vida -, [por onde estariam] Tony Maraca e Feijão - [pessoas] que vira uma única vez, mas, pela força do episódio ao qual estavam relacionados, jamais saíram da sua memória [dele].

- Quer calça Lee? - a nítida voz do Feijão resgatou o doutor Alexandre do devaneio, arrancando um sorriso nostálgico do menino Alexandre, que, imune ao tempo e bem escondido nas profundezas do seu Eu, sempre o acompanhava.